

MARIA ROSA LOJO: MEMÓRIA, IDENTIDADE, EXÍLIO E ARTE LITERÁRIA

Marili Aparecida Isaías Nunes

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Maria de Fátima Alves Marcari

Orientadora

Professora da Pós Graduação em Letras - UNESP- FCL Assis - Linha de Pesquisa - Literatura Comparada e Estudos Culturais

RESUMO

A literatura latino americana contemporânea escrita por mulheres frequentemente destaca processos de mobilidade transcultural e migratória, referentes aos deslocamentos caracterizados pela desterritorialização de indivíduos e a sua posterior inserção numa nova comunidade cultural. Empenhada com a descolonização do pensamento, Maria Rosa Lojo examina as consequências das mobilidades transculturais desencadeadas pelo exílio imposto pelas guerras na Europa, as migrações para a América Latina, as ideologias sociais e suas interferências no desenvolvimento identitário das mulheres que protagonizam seus romances. Sua novela *Solo queda saltar* (2018) é uma narrativa em que predomina a escrita diarística realizada pelas protagonistas, Célia e Isolina, irmãs enlutadas que emigram para a Argentina, após a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Neste trabalho, examinamos depoimentos e entrevistas da escritora que se conectam com as temáticas que aborda na obra *Solo queda saltar* (2018). Para tanto, consideramos entrevistas cedidas por Lojo aos periódicos digitais *Letra Urbana*, *La Ventana Cultural*, *La Capital* e *Camino Culturales*. Nos apoiamos nos estudos de Benjamin, (1994); Carreira, (2023); Marques (2016); Pinto (1990), Said (2003), dentre outros, que discutem temas relativos às mobilidades transculturais e à produção da literatura diaspórica.

Palavras-chave: Maria Rosa Lojo, *Solo queda saltar*, Exílio, Memória, Identidade.

“A releitura crítica do passado histórico ressalta a problemática do acesso à verdade”
(Marques, 2016, p. 11).

1 INTRODUÇÃO

A literatura contemporânea da América Latina de autoria feminina se caracteriza por temáticas que constituem o universo feminino, por meio de uma escrita que reivindica a reelaboração crítica do passado, a revisão da história e o resgate de fatos, figuras e histórias silenciadas, com o intuito principal de redefinição e reivindicação identitária das mulheres e de indivíduos subalternizados.

Os países latino americanos são formados por múltiplas culturas estrangeiras, uma vez que são constituídos por povos exilados vindos de várias nações pelo mundo, dando origem a um



território multicultural, portanto, conflitivo e, ao mesmo tempo, heterogêneo. Assim sendo, a narrativa de autoria feminina da literatura latino americana traz representações ficcionais dos conflitos e das heterogeneidades gerados pelos deslocamentos espaciais e culturais, decorrentes da condição migrante feminina. Por meio da perspectiva feminina, as narrativas buscam elucidar fatos e histórias silenciadas pela história social patriarcal, que visava o modelo eurocêntrico, branco e excludente.

Em seu artigo intitulado “Escrita, auto-representação e realidade social no romance feminino latino-americano” (1997), Cristina Pinto discute a escrita contemporânea de autoria feminina e observa que as escritoras geralmente optam por autobiografias e narrativas confessionais de proporções político-sociais. Em suas realizações literárias, a mulher assume uma posição questionadora e analítica de si e de sua história, frente a história socialmente aceita, num discurso que educa suas leitoras a também realizarem esse movimento de resgate do passado e de ressignificação da história e da própria identidade. (Pinto, 1997).

Para a estudiosa do romance feminino contemporâneo, as técnicas narrativas da escrita feminina na arte literária: a retrospectiva, a repetição, a narrativa circular, a realidade exterior, etc, possuem funções específicas. Pinto explica que a técnica da retrospectiva manifesta-se como repetição; o ato de recontar a própria história é um movimento de validação e reconstrução do passado, a repetição no ato de narrar confere ao texto um caráter circular e a representação da realidade exterior é um elemento fundamental no processo de redefinição da identidade pelo sujeito feminino, que reconhece o poder da escrita e a utiliza como meio de ressignificação da história coletiva por meio da memória, dando luz a fatos históricos apagados e a figuras historicamente silenciadas (Pinto, 1997).

A arte literária, de acordo com Benjamin (1994), por sua vez, surgiu a partir de uma das duas bases de vida social para o ser humano: a escrita pode ser realizada pelo indivíduo sedentário ou pelo indivíduo nômade, sendo a literatura sedentária realizada por pessoas enraizadas em seu lugar de origem e a literatura nômade, aquela realizada pela população que se desloca de um lugar para outro (Benjamin, 1994). Neste estudo nos dedicamos à literatura nômade, a escrita de quem enfrenta as condições adversas dos trânsitos humanos.

É fato conhecido que os trânsitos de pessoas variam na sua maneira de ocorrer; enquanto alguns saem de seu lugar de origem por intenção, seguindo para os lugares de escolha, outros abandonam seu local de origem em decorrência de fatores diversos, como as guerras e outras crises nacionais, que resultam em migrações impostas, sem intenção ou opção de escolha.

Na história do desenvolvimento social na América Latina, os processos migratórios que marcaram o início da era moderna ocorrem desde as colonizações europeias do território americano iniciadas no séc. XV. A terrível escravização de pessoas nos séculos seguintes elevou o número das



movimentações migratórias e, no século XX, houve grandes contingentes de pessoas migrando para as terras americanas buscando exílio, em decorrência das guerras civis, das perseguições políticas e das duas grandes guerras mundiais (Marques, 2016). Assim, o território latino americano abrange uma infinidade de histórias de quem vive fora da sua terra natal e a literatura latino-americana tem como uma de suas características a escrita diaspórica (escrita sobre as mobilidades impostas e suas consequências).

Como destaca Edward Said em suas *Reflexões sobre o exílio* (2003), a condição do exílio é uma experiência atroz para o indivíduo, pois, se distanciar da terra mãe sem que haja uma outra opção é como perder parte de si, é deixar para trás tudo o que se conhece e enfrentar o desconhecido. A literatura de emigrante é composta por produções inspiradas no rompimento com o lugar de origem. Said comenta que “a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado”, o estudioso explica que a atividade da escrita literária funciona como um canal de superação para quem vive o deslocamento e seus desdobramentos. (Said, 2003, p. 46).

María Rosa Lojo, em seu artigo “*Y aún así volando: una épica de la resistencia*”, de 2021 explica as consequências desencadeadas pelo exílio imposto

“Los exiliados son hijos de la derrota. Escapan a la cárcel o a la ejecución; en casos menos extremos, a condiciones de vida con las que no desean pactar. Desde los antiguos hasta nuestros días, la diáspora del exiliado se ha cargado de connotaciones trágicas, asociándose a una verdadera muerte simbólica: la muerte civil, la exclusión de la comunidad de pertenencia. Desgarradura de vínculos, desarraigo, terror a la disolución, a la borradura del olvido, son las modulaciones afectivas que se transmiten de una generación a la otra. La condición negativa suele definirlo. Se soporta un mal menor, antes que alentar esperanzas de crecimiento. Las perspectivas más optimistas son moderadas: sufrir menos, compensar, aunque sea en parte, lo que se perdió.” (Lojo, 2021, p. 24)

Assim, o exílio desencadeia a ruptura de laços afetivos, o desenraizamento, o medo do apagamento e do esquecimento, em modulações afetivas que são transmitidas de uma geração à outra.

Por outro lado, Said afirma que o ser exilado busca, então, superar seus traumas, ressignificando o passado e, para tanto, ele cria um mundo imaginário que compensa o desenlace com a terra mãe. O escritor observa que o exilado passa parte de sua vida tentando compensar suas perdas criando um mundo imaginário que possa governar (Said, 20, p. 54).

Portanto, a escrita sobre as mobilidades é uma literatura realizada por pessoas que foram separadas de suas raízes, de um passado e que sentem a necessidade de reconstruir suas vidas num ato de superação, assim, eles reconstroem sua própria identidade “a partir de refrações e descontinuidades”, criando para tanto, um novo mundo para viver, artificial, ficcional e parecido com o antigo. O exílio causa no exilado um “complexo de pressões e de restrições”, fruto do isolamento e do deslocamento, tais complexos, por sua vez, são resistentes aos esforços de “melhoramento, aculturação e comunidade” que podemos chamar de enraizamento e, desta forma, “o exilado pode



fazer do exílio uma prática que o distancie de quaisquer conexões e compromissos” hegemônicos, comunitários, permitindo a ultrapassagem das fronteiras sociais limitantes do desenvolvimento criativo. (Said, 2003, p. 52 -55)

Identificado por Said como uma condição imposta, sem que haja o poder de escolha, o exílio também possibilita ao exilado “a originalidade da visão” derivada da dupla consciência de culturas. A partir dessa visão plural advém a “consciência de dimensões simultâneas e [...] contrapontística”, uma vez que a condição de exilado contrapõe simultaneamente a vida presente à memória da vida em outro lugar, pois “ambos os ambientes são vívidos, reais, ocorrem juntos”, reforçando a noção de pluralidade da visão do exilado (Said, 2003, p. 5556).

Sintonizando-se com as teorizações de Said, Bucco Coelho afirma que

“...as mobilidades assumem diferentes matizes que obrigam o rompimento com os tradicionais pontos de referências étnicos, linguísticos e nacionais que são, via de regra, responsáveis pela noção de pertença a uma comunidade ‘imaginada’. Além disso, despertam questionamentos em relação à forma como os sujeitos deslocados conformam novas redes e reinventam um estar-no-mundo que excede a ideia de cultura e nação unificada” (Bucco Coelho, 2015, p. 15-16).

Na sua obra *Deslocamentos espaciais, culturais e identitários na literatura contemporânea* (2023), Shirley Carreira discute sobre o que é viver as mobilidades e, mais especificamente, o exílio. Seguindo a compreensão de Moacyr Scliar (1937 - 2011) a respeito da criação literária representante das mobilidades, a estudiosa nos explica que a criatividade para a arte literária geralmente surge na geração seguinte àquela que viveu a desterritorialização, uma vez que quem vive o exílio geralmente está lutando para se reconstruir num outro país, sobrando pouco tempo para a atividade criativa, ainda que hajam inúmeros trabalhos desenvolvidos pelos próprios exilados. No caso dos netos do exilado, esses não carregam os vínculos com a nação de onde seus avós vieram, não sofrem os conflitos identitários transculturais, pois estão em seu local de origem. Assim, geralmente, são os filhos dos exilados os produtores da literatura de imigrantes (Carreira, 2023).

Os filhos de exilados encontram-se num lugar, pois, nascem em terras consideradas alheias pelos pais, e assim, a esperança de retorno a um lugar desconhecido permanece no consciente dessa geração, que pertence a dois mundos, a culturas que não raro se contrapõem. Essa condição gera angústias, crises existenciais e conflitos de identidade, em decorrência do sentimento de entre lugar. Por outro lado, as angústias são sensações que atuam como disparador da inspiração para a escrita como forma de expressão, posicionamento e de reconstrução identitária. As pessoas que vivem as migrações almejam o retorno próspero à terra mãe; outras no entanto, vivem o retorno por outras condições diversas como a ilegalidade no país de exílio, o fracasso financeiro, o preconceito étnico, as dificuldades de adaptação, etc. Assim, na literatura diaspórica, a representação do retorno apresenta-se como uma característica da conclusão da experiência da migração (Carreira, 2023, p. 22-25).



Partindo dessas teorizações, passamos a nos dedicar à escritora argentina María Rosa Lojo, reconhecida e premiada internacionalmente por sua carreira nas artes literárias, mais especificamente ao seu romance *Solo queda saltar*, publicado em 2018 pela Editora Galápagos, na Argentina.

O romance apresenta-se como uma obra heterogênea, estruturada predominantemente na forma de diário compartilhado pelas duas protagonistas. Caracterizado pelo hibridismo de gêneros, apresenta a escrita diarística, o gênero memorialístico e a narrativa de formação feminina. As narrativas ocorrem em dois tempos distintos: Célia escreve em 1948, aos 18 anos e Isolina escreve em 2018, aos 70 anos, percorrendo sobre suas trajetórias a partir da condição do exílio, iniciando com a chegada das meninas na Argentina no ano de 1948. Célia compartilha, em sua narrativa, seus conflitos internos relacionados à desterritorialização, o rompimento com seu lugar de origem, em contraponto com sua adaptação ao novo ambiente. A narrativa rememorativa de Isolina que conclui o romance é permeada pela fantasia do universo infantil, em concomitância com suas relações pessoais, seu dia a dia e seus posicionamentos, destacando, ainda, a temática do retorno vivido pela protagonista.

Bucco Coelho (2015) explica que as condições transculturais transcendem e subvertem os limites e as fronteiras hegemônicas, num posicionamento de abertura à heterogeneidade à diferença e representam o “fazer literário” latino americano, pois o território é constituído pelas mobilidades sociais e uma grande multiplicidade étnica (Bucco Coelho, 2015, p. 30). Assim, a literatura latino-americana contemporânea escrita por mulheres traz à tona outra face das histórias nacionais canonizadas, exercendo a função de um instrumento questionador que, ficcionalizado e protagonizado por personagens femininas, visa a desconstrução do herói da tradição canônica, a releitura de figuras públicas, dando voz às histórias silenciadas. (Marques, 2016).

Na literatura diaspórica de autoria feminina se destacam os posicionamentos de subversão, ao colocar a figura da mulher como protagonista nos processos migratórios e ao discorrer sobre seus conflitos internos e suas relações com o exterior. Há na escrita feminina, a necessidade de reformulação histórica onde o ser feminino passa a ocupar posições de protagonismo de suas próprias histórias.

Por sua vez, a narrativa em primeira pessoa é um convite para a pessoa que lê a realizar o mesmo movimento de subversão de sua identidade, caracterizando assim, o romance de formação feminino. Cristina Pinto explica que as escritoras latino americanas estão engajadas com as questões sociais gerais, mas vão além, abrangendo temáticas pouco interessantes para a crítica tradicional por tratarem de questões subjetivas. As mulheres escritoras estão focadas nos processos de descolonização do conhecimento, bem como em questões ligadas à subjetividade do universo interno feminino e relacionadas à objetividade do ambiente externo (Pinto, 1997), num exercício de rememoração histórica.

A narrativa memorialística funciona como um dispositivo de confirmação da própria identidade e tem se consolidado como uma importante forma de registro da experiência do refúgio, entretanto, a



memória é lacunar, uma vez que não há como retratar fielmente algo que já aconteceu, conforme explica Shirley Carreira:

“A evocação de uma lembrança conta com a imaginação para complementar os traços que foram apagados pelo tempo. A narrativa do refúgio é, portanto, uma escrita migrante, gestada entre a memória e a imaginação, tendo como pano de fundo as crises econômicas e humanitárias”. (Carreira, 2023, p. 66)

Praticamente toda a obra de Maria Rosa Lojo está permeada pelas temáticas das migrações e das mobilidades transculturais. Em *Solo queda saltar*, a construção identitária das protagonistas apresenta as características do exílio imposto, pois a novela retrata o processo do exílio e apresenta a figura feminina como protagonista de sua condição migrante. Em seu artigo “*Y aun así volando*”: *una épica de la resistencia*”, Lojo tece reflexões sobre a geração a que pertence: a dos filhos dos exilados espanhóis na Argentina. Ela comenta que aprendeu com seus pais o espanhol da Espanha, e foi somente quando começou a estudar que ela passou a confrontar-se com o espanhol argentino; “A terra onde na verdade havia visto a rara luz do mundo não me reconhecia como própria, porque lhe falava com uma voz estrangeira”, relembra Lojo (Lojo, 2021, p. 22-23, tradução nossa). Em *Solo queda saltar* (2018), essa situação vivida pela autora é representada por Isolina quando começa a estudar no colégio em Chivilcoy.

Nesta perspectiva, considerando que *Solo queda saltar* (2018), retrata a migração a partir da vivência de duas jovens, do ponto de vista feminino, apresentamos relatos de Maria Rosa Lojo acerca da sua ligação com as temáticas abordadas na novela. Seleccionamos trechos de entrevistas cedidas pela autora aos periódicos digitais argentinos *Letra Urbana*, em 2013, *La Ventana Cultural*, em 2014, *La Capital*, em 2017 e *Caminos Culturales* em 2019. Consideramos, para a seleção das entrevistas, que os relatos da escritora possam revelar a antecipação de aspectos da sua novela de 2018, *Solo queda saltar*. Por conta da abordagem das temáticas presentes na obra, seleccionamos entrevistas em que a escritora fala sobre sua história de vida, sua trajetória e sua relação com o exílio, sua visão do feminino e da representação de suas personagens, além de seus relatos acerca do ofício de escritora e das fontes criativas para seus romances.

2 MARIA ROSA LOJO: *SOLO QUEDA SALTAR*

Nascida em Buenos Aires no ano de 1954, Maria Rosa Lojo tem uma longa e profícua carreira acadêmica e literária. Doutora em Letras pela Universidade de Buenos Aires, pesquisadora membro do CONICET, principal órgão de pesquisa científica da Argentina, é diretora acadêmica, professora universitária e da pós-graduação, é membro da Academia Norte Americana da Língua Espanhola, bem como recebeu diversos prêmios em decorrência de suas obras, dentre os quais destacamos o prêmio de Acadêmica de Honra da Real Academia Gallega.



Sua obra inclui microficção, narrativa, poesia e ensaios. Ao elencar suas produções cronologicamente, podemos destacar as obras: *Visiones* (1984), *Marginales* (1986), *Canción perdida en Buenos Aires al oeste* (1987), *Forma oculta del mundo* (1991), *La pasión de los nómades* (1994), *La princesa federal* (1998), *Esperan la mañana verde* (1998), *Una mujer de fin de siglo* (1999), *Historias ocultas en la Recoleta* (2000), *Amores insólitos de nuestra historia* (2001), *Las libres del sur* (2004), *Finisterre* (2005), *Cuerpos resplandecientes* (2007), *Árbol de familia* (2010), *Historias del cielo* (2010), *El libro de las Siniguales y del único Sinigual* (2010), *Bosque de ojos* (2011), *Todos éramos hijos* (2014), *Solo queda saltar* (2018), *Así los trata la muerte* (2021), *Los brotes de esta tierra* (2022) e, *Lo que hicieron ahí* (2023).

Dedicamos-nos ao romance *Solo queda saltar*, publicado em 2018, narrativa em primeira pessoa que relata a chegada das protagonistas, duas jovens que ficaram órfãs durante o duríssimo período de pós Guerra civil na Espanha, quando o governo autoritário de Francisco Franco (1892-1975) implantou no país sua ditadura, depois de um golpe de estado. Depois da morte do pai como preso político, da morte da mãe doente e também da avó, as irmãs enlutadas saem da Espanha numa viagem para o desconhecido, para o “novo mundo”, a América Latina. Na cidade Argentina de Chivilcoy, vão viver com o tio materno, que já vivia há alguns anos na Argentina, ali se estabelecerão e irão construir suas histórias a partir do entre lugar estabelecido pelo exílio. (Lojo, 2018).

O impacto das mobilidades transculturais desencadeadas pelo exílio imposto e seus desdobramentos, a condição migrante feminina, a memória geracional, a sensação de pertencimento à uma terra mãe, o entre lugar da desterritorialização, dentre outros aspectos como a memória traumática e a violência, assim como a escrita como meio de expor dilemas pessoais e sociais, são as temáticas abordadas por Maria Rosa Lojo na construção de *Solo queda saltar*.

3 O UNIVERSO FEMININO LOJANO

Em entrevista cedida à Mônica Prandi para o periódico digital *Letra Urbana*, em outubro de 2013, María Rosa Lojo comenta sobre as mulheres que compõem sua obra, afirmando que a figura da mulher “representa sempre um conflito: tensões entre o que desejam e o que realmente são, insatisfação pelo que não conseguiram ser”. (Lojo, 2013, tradução nossa). Lojo explica que a vida da mulher se faz ambígua, uma vez que cabe a ela cuidar e atender aos outros, deixando de lado suas necessidades e desejos pessoais. A escritora argumenta que as personagens femininas históricas de suas obras também vivenciam tais conflitos ilustrando a condição feminina no meio familiar e na sociedade. A escritora considera que o fato de as sociedades aceitarem determinadas atividades como femininas e outras como masculinas representa um enfrentamento na vida de mulheres escritoras e artistas, uma vez que “as mulheres ficam vinculadas sobretudo à área do cuidado e da reprodução” (Lojo, 2013, tradução nossa).



Assim sendo, a arte e a escrita feminina são atividades que necessitam abrir brechas num universo tradicionalmente masculino.

Sobre a construção da identidade feminina, Lojo comenta que, quando surgem os conflitos, o ser feminino tem a possibilidade de perceber “outro plano da realidade” que o conecta a uma dimensão de transcendência que vai além da lógica racional, “como na mística”. Para a escritora, o olhar feminino é capaz de “situar-se mais além do princípio de não contradição” e, por esse motivo, o feminino tem outras reações frente a situações aparentemente insolúveis, explica.

Indagada sobre como pensar o feminino, a escritora explica que “na construção histórica da feminilidade como gênero, sempre existiu essa complexidade, essa ambivalência entre o dever e o querer, entre o privado e o público, entre as obrigações familiares e a vida individual” (Lojo, 2013, tradução nossa). Referente às suas personagens femininas, a maioria delas sofrem com essas contradições, “na vontade de integração desses mundos e desejos díspares algumas triunfam e outras fracassam”, esclarece a autora.

Na mesma entrevista, ao discorrer sobre a imigração, ela explica como pensa e como representa em sua obra, a subjetividade nômade. Para nossa autora, os imigrantes são apenas relativamente nômades, uma vez que há os imigrantes que viajam para outros lugares com a intenção de retornar para seu país de origem; já em outros casos, há os imigrantes que ficam num novo país por intenção ou não. Para Lojo, na atualidade, as distâncias diminuíram, tanto pelos meios de transporte como pela facilidade das comunicações, portanto, as migrações legais, no geral, causam menos sofrimento que as viagens migratórias de antes (Lojo, 2013).

Sobre o desenraizamento, a escritora afirma que ocorre uma aceitação, por parte do imigrante, do pertencimento a “mais de um mundo”, uma situação que, por sua complexidade, é enriquecedora na construção da identidade. A escritora defende que a marginalidade pode ter “uma conotação de tragédia” e esclarece que o grande problema está na tentativa de assimilação imposta aos imigrantes ilegais que, “tratados como delinquentes, permanecem nos submundos das sociedades” (Lojo, 2013, tradução nossa).

Em sua obra de microficção, a escritora relata que sempre escreveu o que denomina de “poemas em prosa”, pois seus textos são construídos com elementos narrativos em variados graus, no entanto, Lojo afirma que o que predomina em sua obra, é a lírica. A autora esclarece, ainda, que sua microficção abrange micro relatos e poética, e que na contemporaneidade, “mudaram, sem dúvida, as regras do jogo no horizonte da comunicação”, nessa nova condição onde, “quase tudo é *‘show off’*, a atividade intelectual e de escrita compete em desvantagem, uma vez que não sobra tempo para a reflexão (Lojo, 2013, tradução nossa). Leitora de romances, relatos e filmes históricos desde a infância, Lojo defende que o passado “é outro planeta”, onde nos conectamos com nossos antepassados, e nosso presente está associado diretamente ao nosso passado “e emana dele”, reflete a autora, argumentando que retornar



ao passado é realizar uma viagem que nos apresenta uma perspectiva diferente do ser humano e nos permite perceber a “relatividade e a transitoriedade de nossas crenças atuais” (Lojo, 2013, tradução nossa).

4 MARIA ROSA LOJO: EXÍLIO E IMIGRAÇÃO

“en el borde del mundo, en el borde de la vida, sólo queda saltar”(LOJO, 2019)

Um ano após falar sobre a condição feminina ao periódico digital *Letra Urbana*, a escritora conversa com Romina Soler em entrevista cedida ao *La Ventana Cultural*, em setembro de 2014. Na ocasião, a escritora tratou da divulgação de seu romance *Todos eramos hijos* (2014) e respondeu questões sobre sua infância e sua carreira. A escritora explica que nasceu em Buenos Aires, na Argentina, onde viveu até seus cinco anos quando se mudou com os pais para a cidade de Castelar, também na Argentina. Lá seus pais construíram uma casa simples, onde viveram e onde ainda vive Lojo atualmente. O lugar era adequado para que seus pais pudessem se “desprender de um passado muito difícil de superar: a Guerra Civil espanhola, com seus traumas e suas perdas”, comenta a escritora (Lojo, 2014, tradução nossa).

A escritora destaca a busca de seus pais por esquecer o passado doloroso da condição de exilados, e por uma “regeneração que, evidentemente, nunca é plenamente possível”. Sobre sua pequena casa em Castelar, herança dos pais, a autora comenta ser o lugar onde estão as recordações da sua infância, “que foi intensa, imaginativa e também um pouco solitária”, relembra (Lojo, 2014, tradução nossa).

Ao comentar sobre sua atividade de escritora, Lojo relembra que sempre escreveu. Começou escrevendo resumos de leituras, mas, ainda na adolescência, começou a escrever poemas e, mais tarde, contos e narrativas. A escritora argumenta que “sem dúvida a literatura foi sempre para mim a janela ou o filtro desde o qual via e vejo o mundo, e dou forma à realidade”, ela explica que cada um de seus livros tem um processo de criação, o que significa sempre algo desafiador e ao mesmo tempo apaixonante (Lojo, 2014, tradução nossa).

Lojo fala sobre as temáticas que aborda em sua obra e declara que escreve sobre questões vitais para ela e que causem reflexão: “a identidade, as migrações, os vínculos de família, as diferenças culturais, a experiência criativa das mulheres. A perplexidade, o assombro, o incômodo e também a beleza de existir”, elenca a autora, reforçando que sua obra apresenta ainda temáticas da memória individual. A escritora admite sentir medo da volta ao passado para rememorar fatos ou figuras históricas, e reforça que tem o passado como uma caixa de recordações que, ao abri-la, se sente “outra vez indefesa frente a um passado que resurgiria intacto” (Lojo, 2014, tradução nossa).

Para a autora, a memória traumática torna-se parte do ser, “o passado traumático se integra ao ser e se faz verdadeiramente passado (isto é, se supera) na medida em que o reconhecemos e o



resgatamos”, declara a escritora (Lojo, 2014, tradução nossa). Seus trabalhos tematizam ainda aspectos da memória geracional, dos conflitos vividos e das tradições passadas de geração em geração. Nossa autora admite que sua história pessoal é permeada pelos inúmeros debates geracionais, pela religião, pelas causas, movimentos e períodos políticos, e declara que suas personagens representam tanto seus conflitos pessoais quanto os conflitos sociais.

Numa entrevista que concedeu à revista *Caminos Culturales* em janeiro de 2019, a escritora explica a construção do romance *Solo queda saltar*, argumentando que a obra possui várias histórias entrelaçadas e, no centro de tudo, estão as duas irmãs que, após a imigração terão que reconstruir suas vidas, complementando que a chave de leitura da novela está no nome que a obra recebe, *Solo queda saltar*, que sugere ao leitor um voo rumo a liberdade, “*en el borde del mundo, en el borde de la vida, sólo queda saltar*”(Lojo, 2019, n.p).

Na mesma entrevista, Lojo esclarece que as personagens das duas irmãs não estão baseadas em pessoas reais, mas sim em personagens possíveis e verossímeis, e argumenta que a motivação para a criação de uma obra na qual se manifestam sentimentos e recordações de um lugar deixado para trás, tem a ver diretamente com sua história familiar, pois, em 1948, seus pais, se exilaram, “deixando uma pátria amada, porem onde já não podiam nem queriam estar” (Lojo, 2019, tradução nossa) e se estabeleceram na Argentina. A autora comenta ainda sobre a utilização dos nomes de seu verdadeiro tio, Juan, e de suas primas para nomear as personagens principais da novela, Célia e Isolina, inspirações às quais a autora dedica a obra.

Quando indagada sobre os processos emocionais pelos quais passam as protagonistas, desde a partida da Espanha, Lojo argumenta que são vários os sentimentos que se podem destacar, como por exemplo “temor, incerteza, pesar, tristeza, perda, rompimento [...] curiosidade, esperança, expectativa, desejo de progresso” (Lojo, 2019, tradução nossa). A escritora afirma que recorreu às suas memórias familiares para a recriação ficcional da vida das duas irmãs, bem como argumenta que foi em busca de tudo que lhe permitisse reconfigurar os ambientes, a vida cotidiana e os costumes da Argentina de meados do século XX, sem deixar de apontar temas do presente, como a luta das mulheres para conquistar o espaço público, a violência de gênero, os diálogos e choques entre culturas causados pelas migrações, dentre outros aspectos.

5 A SAGA DE ISOLINA

Em entrevista a Gabriela Urrutibehety no jornal argentino, *La Capital*, em 2017, Lojo fala sobre sua obra “*El libro de las siniguales y del único sinigual*” (2010). A autora comenta sobre as classificações literárias dadas pela crítica à suas obras, afirmando que suas produções não obedecem às classificações, pois sua obra é espontânea e por isso supera categorizações, pois “cada obra original sempre escapa das etiquetas” (Lojo, 2014, tradução nossa).



A escritora argentina explica que tem na escrita “outra forma de tecido”, demonstrando seus fortes vínculos com sua ancestralidade, pois a costura “é uma reivindicação da atividade feminina e uma homenagem às antepassadas”, lembrando que sua avó tentou ensiná-la a costurar; no entanto, ela nunca aprendeu e com sua escrita tenta “recompensar seu esforço”, declara a autora.

Lojo é filha de pai galego e mãe madrilenha e, na mesma entrevista, comenta sobre a terra de seu pai, a Galícia, e recorda que o mar de Finisterre, que viria a ser o cenário de partida de Célia e Isolina na sua produção de 2018, *Solo queda saltar*, era o ponto onde os antigos acreditavam terminar o mundo. Ainda que no momento desta entrevista, em 2017, Lojo ainda não tivesse publicado sua novela *Solo queda saltar*, ela comenta sobre Isolina, uma de suas protagonistas do romance.

Isolina surge antes como personagem em *El libro de las Siniguales y del único Sinigual* (2010), tem dez anos, e é amiga das *Siniguales*, que são personagens mágicos do universo lojiano, parecidas com fadas em miniatura. Nossa autora comenta que, ao final do livro das *Siniguales*, “Isolina emigra, tem uma vida de viagens, conhece o mundo e, já velha, vive em sua casa nas cercanias de Buenos Aires. Não esqueceu as *Siniguales*”. (Lojo, 2017, tradução nossa). A história da menina continua em *Solo queda saltar*, mas a história inicial da personagem, no entanto, está em *El libro de las Siniguales y del único Sinigual* (2010), demonstrando-nos que Isolina vive uma saga e carrega uma construção identitária transcendente, uma vez que traz a fantasia embasada nos contos antigos sobre fadas e magas da Galícia, as *Siniguales*, e, o espaço real da Argentina, onde fincou raízes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que nossa autora, Maria Rosa Lojo, é uma representante da mulher latino americana, da história coletiva dos filhos de migrantes, e que traz as marcas do exílio herdado, a memória geracional das guerras e dos conflitos políticos, assim como mantém e divulga a memória ancestral e está empenhada no empoderamento feminino. Ela tem na escrita uma forma de subversão da figura tradicional feminina, que questiona e problematiza os papéis de gênero preestabelecidos pela sociedade tradicional, que pressupõem o cuidado do outro, a reprodução, a maternidade e o abandono de seus desejos.

Em sintonia com os estudos de Pinto (1997), *Solo queda saltar*, (2018), bem como outras obras de Maria Rosa Lojo, são narrativas memorialísticas que, de certa forma, apresentam características autoficcionais, uma vez que retratam os conflitos individuais e coletivos de sua geração. As temáticas que compõem a obra fizeram parte da formação identitária de Lojo e de uma geração de argentinos, bem como ampliaram o universo cultural da escritora e influíram em sua arte escrita.

A autora ressalta que a tentativa da assimilação imposta ao imigrante é algo negativo, pois ele não deve abdicar da condição de pertencer a dois mundos; trata-se de uma condição enriquecedora na formação de sua identidade. Como filha de exilados, Lojo carrega os conflitos do entre lugar, admite



que tal condição, mesmo que muito complexa, foi positiva para a sua formação identitária. Em suas narrativas, se destacam o protagonismo da mulher frente às diversidades sociais, a releitura de figuras públicas e a reconstrução de fatos históricos, em um movimento de resgate de histórias apagadas e figuras silenciadas na literatura e na história tradicional, como no caso das duas jovens protagonistas da condição migrante feminina.

No universo lojiano entrecruzam-se várias histórias, suas personagens circulam entre as obras, participando como personagens secundárias ou, como no caso de Isolina que vive uma evolução histórica. Ao final de *El libro de las Siniguales y el único Sinigual* (2010) Isolina emigra e sua saga tem continuidade em *Solo queda saltar*, (2018).

Solo queda saltar recebeu a premiação *Los destacados 2018 ALIJA* na categoria novela juvenil e ficou entre os cem livros recomendados pela Fundación Educacional Cuatro Gatos, de Miami, como informa o site da escritora, reforçando assim, a recepção positiva da obra no meio crítico e entre os leitores.

Finalmente, consideramos que, ao ultrapassar fronteiras territoriais e culturais, o universo do indivíduo abre novos caminhos para transpor outras fronteiras de sua realidade, e que as mobilidades transculturais, ainda que muitas vezes conflituosas, são enriquecedoras para a construção da identidade e se concretizam na arte literária.



REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221. Disponível em: http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/O-Narrador_Walter-Benjamin-1.pdf. Acesso em: ago. 2024.

BUCCO COELHO, Maria Josele. Mobilidades culturais na contística rio-platense de autoria feminina: tracejando as poéticas da distância em Josefina Plá e Maria Rosa Lojo. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, RS, 2015.

CARREIRA, Shirley de S.; et al. Deslocamentos espaciais. In. Deslocamentos espaciais, culturais e identitários na literatura contemporânea. 1 a. ed. (digital), Rio de Janeiro: Dialogarts, 2023.

LOJO, María Rosa. Entrevista concedida a Romina Soler. La Ventana Cultural. Argentina, ago. 2014. Disponível em: <https://laventanaarteycultura.blogspot.com/2014/09/entrevista-maria-rosa-lojo-libros.html>. Acesso em: 16 jul. 2024.

LOJO, María Rosa. Escribir es otra forma de tejido. Entrevista concedida a Gabriela Urrutibehety. La Capital. Mar del Plata, abr. 2017. Disponível em: <https://www.lacapip.com/maria-rosa-lojo-escribir-es-otra-forma-detejido/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

LOJO, María Rosa. Solo queda saltar, la historia de dos hermanas que huyeron de la España franquista. Entrevista concedida a Patricia Ortiz. Caminos Culturales, janeiro 2019. Disponível em: <https://www.caminosculturales.com.ar/solo-queda-saltar-la-historia-de-dos-hermanas-que-huyeron-de-la-espanafranquista/>. Acesso em: 02.jul.2023.

LOJO, María Rosa. Lo femenino va más allá del principio de no contradicción. Entrevista concedida a Monica Prandi. Letra Urbana, Argentina, out. 2013. Disponível em: <https://letraurbana.com/articulos/lo-femenino-vamas-alla-del-principio-de-no-contradiccion-entrevista-a-maria-rosa-lojo/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

LOJO, María Rosa. Y aun así, volando: una épica de la resiliencia. Anales de Literatura Hispanoamericana, n. 50, 202, p. 21-31

MARQUES, Gracielle. A voz das mulheres no romance histórico latino-americano: leituras comparadas de Desmundo, de Ana Miranda, e Finisterre, de María Rosa Lojo. Tese de Doutorado. Assis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/>. Acesso em: Ago. 2024.

PINTO, Cristina F. Escrita, auto-representação e realidade social no romance feminino latino-americano. Revista de Crítica Literária Latinoamericana, 1997, Año 23, No. 45 (1997), pp. 81- 95.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.